

FRAGMENTO DE HIPÉRIÓN¹

Friedrich Hölderlin

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia²

PREFÁCIO

Há dois ideais de nossa existência: um estado da mais elevada simplicidade, em que nossas necessidades harmonizam-se lado a lado consigo mesmas, com nossas forças e com tudo com o que estamos em ligação, *mediante a simples organização da natureza*, sem a nossa intervenção; e um estado da mais elevada formação, em que a mesma teria lugar via infindáveis necessidades e forças, avultadas e fortalecidas, *mediante a organização que estamos em condições de fornecer a nós mesmos*. A rota excêntrica que o homem percorre universal e particularmente, de um ponto (da mais ou menos pura simplicidade) a outro (da mais ou menos plena formação), parece ser sempre a mesma *em suas direções essenciais*.

Algumas dessas deveriam ser apresentadas, conjuntamente à sua correção, nas cartas das quais as seguintes são um fragmento.

O homem gostaria de ser *em tudo e além de tudo*, e a sentença no túmulo de Loyola:

*non coerceri maximo, contineri tamen a minimo*³

pode descrever, assim, a perigosa face do homem, que tudo cobiça e subjuga, como o mais elevado e mais belo estado nele alcançado. Em qual acepção ela deve valer para cada um, tem de decidir sua livre vontade.

¹ Trata-se do prefácio, datado de 1794, a uma elaboração inicial de *Hipérion ou o Eremita na Grécia* (cuja primeira parte fora publicada em 1797 e a segunda em 1799). Sua importância se deve à formulação de elementos teórico-filosóficos para o seu *Bildungsroman* (romance de formação) epistolar. O texto introduz o conceito de “rota excêntrica” (*exzentrische Bahn*), chave central de acesso ao pensamento de Hölderlin. Faz-se necessário consultar também o prefácio à *Penúltima Versão* (*Vorletzte Fassung*, de 1795) do *Hipérion*, no qual o referido conceito faz sua segunda e última aparição na obra do autor.

² Doutorando em Filosofia pela UFRJ (felgorreia@hotmail.com). Bolsista CNPq.

³ A mesma inscrição serve como epígrafe do volume I do *Hipérion* em sua versão definitiva, contendo o trecho final omitido aqui (*divinum est*). A tradução na íntegra do epitáfio: “Não ser coagido pelo maior, mas encerrado pelo menor, é divino” (HÖLDERLIN, 2003, p.9).

FRAGMENT VON HYPERION

Friedrich Hölderlin

VORREDE

Es gibt zwei Ideale unseres Daseins: einen Zustand der höchsten Einfalt, wo unsre Bedürfnisse mit sich selbst, und mit unsern Kräften, und mit allem, womit wir in Verbindung stehen, *durch die bloße Organisation der Natur*, ohne unser Zutun, gegenseitig zusammenstimmen, und einen Zustand der höchsten Bildung, wo dasselbe stattfinden würde bei unendlich vervielfältigten und verstärkten Bedürfnissen und Kräften, *durch die Organisation, die wir uns selbst zu geben im Stande sind*. Die exzentrische Bahn, die der Mensch, im Allgemeinen und Einzelnen, von einem Punkte (der mehr oder weniger reinen Einfalt) zum andern (der mehr oder weniger vollendeten Bildung) durchläuft, scheint sich, *nach ihren wesentlichen Richtungen*, immer gleich zu sein.

Einige von diesen sollten, nebst ihrer Zurechtweisung, in den Briefen, wovon die folgenden ein Bruchstück sind, dargestellt werden.

Der Mensch möchte gerne *in* allem und *über* allem sein, und die Sentenz in der Grabschrift des Loyola:

non coerceri maximo, contineri tamen a minimo

kann eben so die alles begehrende, alles unterjochende gefährliche Seite des Menschen, als den höchsten und schönsten ihm erreichbaren Zustand bezeichnen. In welchem Sinne sie für jeden gelten soll, muß sein freier Wille entscheiden.

REFERÊNCIAS

HÖLDERLIN, Friedrich. Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe. Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958.

_____. Hipérion ou o eremita na Grécia. Tradução de Erlon José Pascoal. Nova Alexandria, São Paulo, 2003.

PENÚLTIMA VERSÃO (DO HIPÉRION)⁴

Friedrich Hölderlin

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia⁵

PREFÁCIO

Desde a mais tenra juventude, tive por íntima preferência viver nas costas da Jônia e da Ática, e nas belas ilhas do arquipélago, do que em qualquer outro torrão, e pertencia aos meus mais encarecidos sonhos migrar efetivamente para lá, para a santo túmulo da jovem humanidade.

A Grécia foi o meu primeiro amor e, não sei se devo dizer, será o meu último.

Por esse amor eu agradeço apenas a essa pequena propriedade que tornara-se minha há muito tempo, antes mesmo que eu soubesse de outros que enriqueceram-se de maneira similar, e, ao que parece, mais afortunadamente do que eu.

Eu esperei que ela pudesse talvez me presentear com um amigo, de modo que decidi partilhá-la.

Não anelava de feitio algum que ela fosse original. Originalidade é para nós novidade; e nada me é mais caro do que aquilo que é tão antigo, como o mundo.

Para mim, originalidade é intensidade-interior, profundidade do coração e do espírito. Mas acerca disso, ao menos na arte, parece-se querer atualmente saber muito pouco a respeito, e se outros não triunfam, se tornará o mais novo gosto falar de natureza como uma frágil beleza dos homens e tratar seu assunto à guisa de um relator juramentado; donde que se saberá, por fim, que uma lebre cruzara o caminho e não um outro animal, e com isso terá de se contentar. De resto, haveria crasso engano se se pensasse que falo aqui de homens excelentes que nos presentificam a bela minúcia da natureza com tão inequívoco amor. –

⁴ Texto datado de 1795. Juntamente com o prefácio de *Fragmento de Hipérion* (1794), o presente prefácio cumpre o desempenho teórico de esclarecer elementos da fundamentação filosófica do *Bildungsroman* (romance de formação) epistolar *Hipérion ou o Eremita na Grécia* (cuja primeira parte fora publicada em 1797 e a segunda em 1799). O texto retoma a noção de “rota excêntrica” (*exzentrische Bahn*) esboçada em *Fragmento de Hipérion*; aqui, porém, em sua segunda e última menção direta na obra do autor.

⁵ Doutorando em Filosofia pela UFRJ (felgorreia@hotmail.com). Bolsista CNPq.

A fim de retornar às minhas cartas, peço assim que esta primeira parte não seja contemplada senão como uma premissa necessária, e para acalantar boa esperança caso venha-se a bocejar perante a escassez de ação externa, p. ex., e também caso venha-se a achar desordenado e afetado o pouco que talvez possa satisfazer esta página. O que pode agradar de modo avulso não pode pois agradar como um todo, e vice-versa. –

Também se achará nessas cartas sobejas incompreensibilidades, meias-verdades e incoerências. Porventura irritar-se-á com esse Hipérion, com suas contradições, suas errâncias, com suas forças, assim como com sua fraqueza, com sua ira, tanto quanto com seu amor. Mas, por certo, tem de vir irritação. –

Todos nós percorremos uma rota excêntrica, e não há nenhum outro caminho possível da infância ao amadurecimento.

A bem-aventurada União, o Ser, no único sentido da palavra, está perdido para nós, e tivemos de perdê-lo, se devíamos aspirá-lo e conquistá-lo. Arrebatamo-nos para fora do pacífico *Ev kai Pav*⁶ do mundo para produzi-lo através de nós mesmos. Nós estamos cindidos da natureza, e o que antes era Um, como se pode acreditar, agora entra em conflito, e comutam de ambos os lados dominação e escravidão. Amiúde, a nós, é como se o mundo fosse tudo e nós nada, mas também amiúde como se fossemos tudo e o mundo nada. Também Hipérion se divide entre esses extremos.

Encerrar aquela eterna contradição entre nós mesmos e o mundo, trazer de volta a paz de todas as pazes, que é mais elevada do que toda razão, nos reunir com a natureza em Um Todo infinito, essa é a meta de todo o nosso aspirar, quer possamos nos entender acerca disso ou não.

Mas nem o nosso saber, nem o nosso agir, em qualquer período que seja da existência, atingiu o lugar onde cessa todo o conflito, onde tudo é um; a linha determinada unifica-se com a indeterminada apenas em infinita aproximação.

Não teríamos nenhuma noção daquela paz infinita, daquele Ser, no único sentido da palavra, não aspiraríamos de modo algum a nos unificar com a natureza, não pensaríamos nem agiríamos, nada haveria (para nós), nós mesmos nada seríamos (para nós), se, no entanto, não existisse aquela infinita Unificação, aquele Ser, no único sentido da palavra.

⁶ Em grego: “Um e Tudo”. Em alemão, há o vocábulo *Alleinheit* (*All und Einheit*), denotando sentido copulativo.

Ele existe – como Beleza; espera por nós, tal como fala Hipérion, um novo reinado, onde a Beleza é rainha. –

Acredito que diremos todos no fim: sacro Platão, perdoe! Pecara-se duramente contra ti.

DIE VORLETZTE FASSUNG

Friedrich Hölderlin

VORREDE

Von früher Jugend an lebt ich lieber, als sonstwo, auf den Küsten von Jonien und Attika und den schönen Inseln des Archipelagus, und es gehörte unter meine liebsten Träume, einmal wirklich dahin zu wandern, zum heiligen Grabe der jugendlichen Menschheit.

Griechenland war meine erste Liebe und ich weiß nicht, ob ich sagen soll, es werde meine letzte sein.

Dieser Liebe dank ich nun auch dies kleine Eigentum und es war mein geworden, geraume Zeit, ehe ich wußte, daß andere sich auf ähnliche Art, wie es scheint, und glücklicher, als ich, bereichert hatten.

Ich hoffte, daß es mir doch vielleicht Einen Freund gewinnen könnte und so beschloß ich, es mitzuteilen.

Ich wünschte um alles nicht, daß es originell wäre. Originalität ist uns ja Neuheit; und mir ist nichts lieber, als was so alt ist, wie die Welt.

Mir ist Originalität Innigkeit, Tiefe des Herzens und des Geistes. Aber davon scheint man jetzt gerade, wenigstens in der Kunst, sehr wenig wissen zu wollen; und wenn nicht andere siegen, so wird es neuester Geschmack werden, von der Natur zu sprechen, wie eine spröde Schöne von den Männern, und seinen Stoff zu behandeln, wie ein geschwornener Berichterstatter; wo man dann am Ende recht gut weiß, daß ein Hase über den Weg lief und kein anderes Tier, aber hiemit sich auch begnügen muß. Es wäre übrigens grober Misverstand, wenn man dächte, ich spreche hier von den trefflichen Menschen, die uns das schöne Detail der Natur mit so unverkenbarer Liebe vergegenwärtigen. –

Um auf meine Briefe zurückzukommen, so bitt ich, diesen ersten Teil für nichts weiter, als für notwendige Prämisse anzusehn, und sich mit guter Hoffnung zu trösten,

wenn man z. B. über den Mangel an äußerer Handlung gähnen und auch das Wenige, was von dieser Seite vielleicht befriedigen könnte, planlos, unnatürlich finden möchte. Was vereinzelt gefallen kann, kann nicht wohl als Ganzes gefallen und umgekehrt. —

Auch wird man manches Unverständliche, Halbwahre, Falsche in diesen Briefen finden. Man wird vielleicht sich ärgern an diesem Hyperion, an seinen Widersprüchen, seinen Verirrungen, an seiner Stärke, wie an seiner Schwachheit, an seinem Zorn, wie an seiner Liebe. Aber es muß ja Ärgernis kommen. —

Wir durchlaufen alle eine exzentrische Bahn, und es ist kein anderer Weg möglich von der Kindheit zur Vollendung.

Die selige Einigkeit, das Sein, im einzigen Sinne des Worts, ist für uns verloren und wir mußten es verlieren, wenn wir es erstreben, erringen sollten. Wir reißen uns los vom friedlichen *Ev και Παν* der Welt, um es herzustellen, durch uns Selbst. Wir sind zerfallen mit Der Natur, und was einst, wie man glauben kann, Eins war, widerstreitet sich jetzt, und Herrschaft und Knechtschaft wechselt auf beiden Seiten. Oft ist uns, als wäre die Welt Alles und wir Nichts, oft aber auch, als wären wir Alles und die Welt nichts. Auch Hyperion teilte sich unter diese beiden Extreme.

Jenen ewigen Widerstreit zwischen unserem Selbst und der Welt zu endigen, den Frieden alles Friedens, der höher ist, denn alle Vernunft, den wiederzubringen, uns mit der Natur zu vereinigen zu Einem unendlichen Ganzen, das ist das Ziel all unseres Strebens, wir mögen uns darüber verstehen oder nicht.

Aber weder unser Wissen noch unser Handeln gelangt in irgend einer Periode des Daseins dahin, wo aller Widerstreit aufhört, wo Alles Eins ist; die bestimmte Linie vereinigt sich mit der unbestimmten nur in unendlicher Annäherung.

Wir hätten auch keine Ahnung von jenem unendlichen Frieden, von jenem Sein, im einzigen Sinne des Worts, wir strebten gar nicht, die Natur mit uns zu vereinigen, wir dächten und wir handelten nicht, es wäre überhaupt gar nichts (für uns), wir wären selbst nichts (für uns), wenn nicht dennoch jene unendliche Vereinigung, jenes Sein, im einzigen Sinne des Worts vorhanden wäre. Es ist vorhanden — als Schönheit; es wartet, um mit Hyperion zu reden, ein neues Reich auf uns, wo die Schönheit Königin ist. —

Ich glaube, wir werden am Ende alle sagen: heiliger Plato, vergieb! man hat schwer an dir gesündigt.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958.